

Na Sala de Aula

SEXTA-FEIRA | 5 | OUTUBRO | 2007



SUSI PADILHA

Alunos do Instituto Estadual de Educação e seus celulares, o tormento dos professores, mas projeto de lei que tramita na Assembléia pretende proibir o uso de aparelhos nos colégios. Páginas 6 e 7

Aparelhinho polêmico

AMOR À PROFISSÃO

A professora que está na ativa há mais de 40 anos

Página 2

CUIDAR DA NATUREZA

Alunos aprendem a preservar o meio ambiente

Página 8

OBRAS DE ARTE

Estudantes e os grandes mestres da pintura mundial

Página 12

Apresentação

Quando Marina Lingner Heidrich chegou a uma sala de aula pela primeira vez, era através do rádio e pelos jornais que as pessoas ficavam sabendo das novidades. Televisão já existia, mas era artigo de luxo. O telefone móvel era assim: instalava-se um fio longo no aparelho fixo e, com isso, era possível falar caminhando da sala para a cozinha, para o quarto, para o banheiro. Como se pode ver na fotografia ao lado, suas aulas não necessitam de grandes tecnologias, pois o computador não auxiliar muito o aluno quando ele precisa fazer um movimento gracioso na dança. Marina completou 41 anos na profissão, e é a professora que está há mais tempo em atividade.

O amor à dança fez esta docente de 61 anos e há 41 lecionando, atravessar o tempo ensinando. Na década de 1970 a televisão se proliferou, nos anos 1980 surgiram os computadores, mas ainda longe das salas de aula. No decênio seguinte houve uma revolução tecnológica e, depois de passar por todos esses períodos, Marina Heidrich dá aulas para turmas que nasceram num mundo virtual, on-line, com estudantes municiados de telefones celulares, o aparelhinho que é um tormento para os professores.

Marina e os celulares são dois dos assuntos abordados nesta edição do DC em Sala de Aula, caderno realizado através de uma parceria entre o jornal e a Secretaria de Estado da Educação.

Ninguém tem dúvidas sobre a importância do celular. O que se discute é o uso em locais inadequados, como dentro da sala de aula, enquanto o professor tenta transmitir conteúdos. O assunto é polêmico, pois há estudantes que não vêem nada demais se comunicar com este aparelhinho enquanto o professor fala.

Para disciplinar a utilização dos celulares, tramita na Assembléia Legislativa um projeto de lei sobre o assunto. Para alívio dos mestres e desespero da garotada, a matéria proíbe a utilização do celular tanto nas escolas públicas e privadas de SC. Esta edição há outros assuntos interessantes, como a participação dos alunos no Projeto Ambial. Os estudantes, de maneira espontânea, dispõem-se a ir à escola fora do horário de aula para aprender a preservar o meio ambiente. Além disso, o suplemento expõe belos trabalhos feitos por alunos de diversas regiões de Santa Catarina. Um deles em especial está chamando a atenção até da comunidade em torno da Escola Hilda Teorodo Vieira, em Florianópolis.



Marina Heidrich, do Instituto Estadual de Educação, está há mais de 41 anos lecionando e é a professora com o maior tempo em atividade

Quatro décadas ensinando com arte

Dona de uma paciência – que admite dela –” todo professor precisa ter”, e de um corpo esbelto inerente a uma ex-bailarina, a professora de dança do Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis, Marina Lingner Heidrich completou 41 anos e sete meses de sala de aula em setembro, consagrando-se como a educadora há mais tempo na função no Estado. Hoje, ao 61 anos de idade, diz sentir-se realizada na profissão que escolheu e, apesar de lamentar a desvalorização do professor, garante que não mudaria sua escolha profissional, caso pudesse voltar no tempo.

A história da paixão de Marina pela dança começou aos 10 anos, na cidade de Lages, onde morava com os pais. Incentivada por uma professora de educação física, cujo nome permanece na ponta da língua, ela começou a dançar no Clube 14 de Julho. Tendo os pais como aliados no apreço pela modalidade, não hesitou na hora de escolher uma faculdade e optou por Educação Física.

Como Santa Catarina ainda não tinha o curso, aliás, depois de formada ela seria professora dos primeiros profissionais de Educação Física tanto da UFSC como da Udesc, Marina morou em Curitiba (PR) para fazer a faculdade de seus sonhos e poder trabalhar com dança.

Cursos e especializações à parte, a jovem destacava-se na profissão, ingressando nas universidades catarinenses como professora e nos concursos que prestava. Entre eles, um considera o mais importante: o que garantiu uma vaga como professora de Educação Física no IEE. Ao contrário do que almeja a maioria – adquirir um lugar nos bancos acadêmicos – ela preferiu trabalhar com crianças e adolescentes.

– Sentia necessidade de proporcionar a dança para alunos de colégios públicos e assim expandir essa arte – conta.

Marina começou nas quadras. Sua especialidade, no entanto, fez com que logo conseguisse implementar na escola

as aulas que tanto desejava. Atualmente, ela ainda é professora de dança, mas há 10 anos restringe-se à teoria. Fundadora do grupo chamado Studio de Dança do IEE, ela sempre foi coordenadora da equipe, que conta com a participação de cerca de 300 alunos por ano e com integrantes que variam do ensino infantil ao médio e do balé clássico ao jazz e à dança de salão.

"O ensino é opção e não uma obrigação"

Enumerar tristezas por que passou na profissão não é possível para a professora mais antiga no Estado. Problemas com colegas ou alunos, nem lembra. As alegrias, ela resume em todas as apresentações do Studio de Dança que presenciou.

– O que ensino é uma opção e não uma obrigação, isso diferencia e facilita meu trabalho. Mas ensinar, seja dança ou matemática, sempre vai exigir do professor paz consigo, harmonia com os alunos e sabedoria sobre o assunto – comenta Marina, que dedica tardes e noites ao trabalho.

O resultado disso são 36 anos – a completar em dezembro – só de colégio, fora os mais cinco e sete meses de Udesc, e um número de aulas, alunos, coreografias e festivais que, de tão alto, confessa já ter perdido as contas. Mas o que seus alunos e colegas acham dela?

– A professora Marina é um exemplo para quem deseja dar aula também. Sem contar com a bagagem que proporciona a seus alunos, de quem sabe a hora de elogiar e de cobrar – avalia a ex-aluna durante 15 anos e atual colega Michelle Daniel, que ainda se refere a Marina como “tia”.

Grupo RBS DIÁRIO CATARINENSE

Na Sala de Aula

Diretor Geral: Marcos Noll Barboza
Diretor Comercial: Diego Quevedo
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Operacional: Cláudio Sá
Gerente de Circulação: Adriano Araldi
Coordenadora do projeto: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Mariana Ortiga
Diagramação: Fabiano Peres
Fotos: Susi Padilha, Daniel Conzi e Julio Cavalheiro
Edição: Tarcísio Pogliá

Comunique-se com o DC:
Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguaçu – Florianópolis- SC

☎ (48) 3216-3444
 ✉ Fax: (48) 3216-3355
 e-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Mande-nos sugestões para que juntos possamos aprimorar nosso trabalho. Descreva as experiências positivas ocorridas em sua escola e envie os trabalhos realizados através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia de SC

Valores relativos à Pátria

A professora Verônica Margoti Meister, assistente técnico-pedagógica, aproveitou a Semana da Pátria, em setembro, para realizar com seus alunos da Escola Irene Reva Zadorosny, em Papanduva, o trabalho "Pátria amada". O objetivo da atividade foi fazer com que os estudantes do ensino de 5ª a 8ª série participassem dos eventos cívicos na escola e conhecessem os símbolos nacionais, a história, e interpretar e ilustrar o hino.

No seu projeto, a professora relatou que os alunos trazem um saber prévio de experiências que, ao longo do tempo, é modificado

pelo meio em que vive. Contudo, quando o estudante soma as suas experiências ao mundo das letras, poderá sentir-se pleno e capaz de discernir comportamentos, atitudes e valores, tornando-se um cidadão crítico e consciente do dever cívico.

Segundo a professora Verônica, através dos significados vistos nos livros é que são oportunizadas realidades nas perspectivas de ampliar os conhecimentos e que, no futuro, poderão ser utilizados para diminuir uma situação adversa na realidade educacional.

Confira alguns dos trabalhos produzidos pelos alunos.



Vanessa Ferreira, aluna da 6ª série



Jocieli Vilichinski, 5ª série



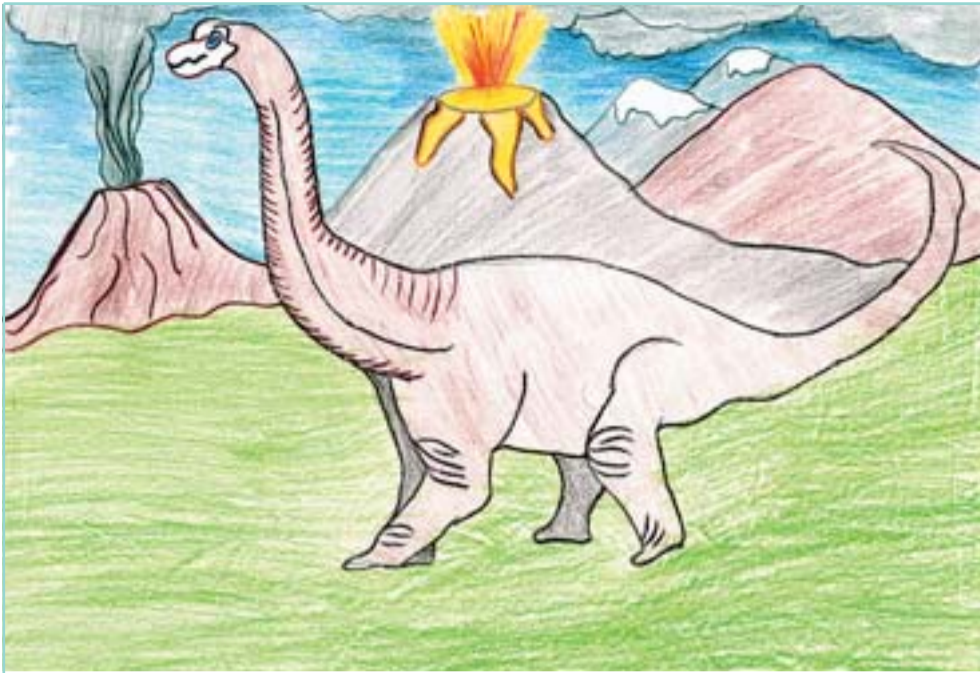
Juarez Domingos, 5ª série



André Luiz Fernandes, 5ª série



Márcio Kuchinier, 8ª série



Djonatha Verbinenn, 8 anos, 2ª série



Lucas Alexandre Teles de Souza, 8 anos, 2ª série

Viagem pela história



Caroline Stuy, 7 anos, 2ª série

O tema permitia e os estudantes “viajaram” ao realizar o trabalho proposto pela professora Vanessa Miranda, da Escola de Educação Básica São Bento, de São Bento do Sul. Eles aprenderam os períodos marcantes na história e fizeram uma viagem no tempo.

A professora Vanessa dividiu a tarefa em três períodos. Os alunos da 1ª série trabalharam o tema “Pré-História”. Para eles, a professora mostrou imagens de pinturas rupestres e discutiu a vida naquela época. Já os estudantes da 2ª série assistiram ao filme *Uma Noite no Museu*. Após a sessão, o tema do filme foi debatido. Com as turmas de 3ª e 4ª séries, houve uma discussão de fatos marcantes da história, como a pré-história, as civilizações egípcia, grega e romana, o descobrimento do Brasil, entre outras passagens.

Veja alguns destes trabalhos.



Natália Hassan Sasse, 2ª série



Fernando Augusto Drevek, 8 anos, 2ª série



Carolina Fleischmann, 8 anos, 2ª série

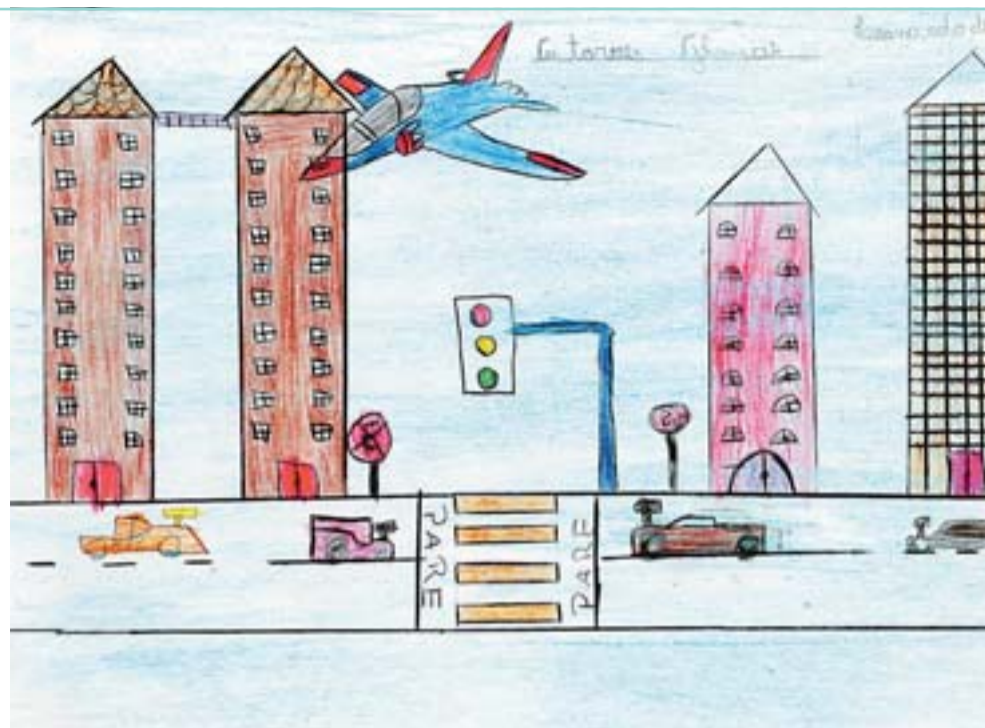


Brendha Spinelli, 8 anos, 2ª série

Rafael Riegel,
8 anos, 2ª
série



Natasha Beatriz Matos, 9 anos, 4ª série



Leonardo de Lima, 8 anos, 3ª série



Jaiane Chinelato Seganfredo, 10 anos, 4ª série



Rafaela Gutoshi, 10 anos 4ª série



Jonathan Pscheidt Araújo, 9 anos, 4ª série



Sílvio Gomes Júnior, 10 anos, 3ª série



Beatriz Staffen, 9 anos, 3ª série



Gustavo Antonio Gonçalves, 10 anos, 4ª série



Gustavo Antonio Gonçalves, 10 anos, 4ª série



Penélope Granatto Alexi, 9 anos, 3ª série



Fernanda Sabadim Moreira, 10 anos, 4ª série



Thaíse Martins da Silva, 15 anos, admite que já ligou para a mãe durante a aula

Copiar do quadro

Na era da tecnologia, não é de se espantar que muitos alunos pensem na cópia do quadro como algo do passado. Na turma do segundo ano do ensino médio em que estudam os colegas Rafaela Gonzaga, Marcela Dantas, Janine Santos, Ana Bárbara Faria, de 16 nos, Ricardo Marques, de 17, e Mariúcha Machado, de 19, é difícil encontrar alguém que nunca esperou o professor sair de sala para

pegar o telefone e fazer foto da lousa. Todos os estudantes do Colégio Bom Jesus apontam essa ferramenta do telefone como um facilitador dos estudos. – Quando tem muita coisa para copiar, ao invés de ter a matéria direto no caderno, temos no celular e passamos para o computador. Fotografar conteúdo de prova também vale a pena – o grupo dá dica.



Bruno Toldo, 14 anos, e Wiucson Maciel, 15, gostam de jogar e ouvir música

Na mochila para

... Jogar e ouvir música Bruno Toldo, 14, e Wiucson Maciel, 15, não têm dúvida quando a pergunta é sobre a utilidade do celular na escola. A resposta imediata é jogar e ouvir música. Entre os games prediletos, corrida de carros. Entre as músicas, todas que sejam Rap. Eles assumem que jogam e escutam música em sala, sim.

– Às vezes, o professor vê e reclama, aí tem que guardar por algum tempo para, depois ou em outra aula, perguntar o telefone de novo – contam. Na hora do recreio, os dois estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Getúlio Vargas aproveitam para desfrutar da função de rádio do celular e o jogo é substituído por um bem menos moderno: o baralho de truco.



Alunos do Colégio Bom Jesus, em Florianópolis, baixaram da Internet um toque de celular incapaz de ser ouvido por quem tem mais de 25 anos, para o professor não desconfiar, mas os mestres se incomodam

Celular dentro das regras

A regra é clara: celular nos colégios, apenas nos intervalos. Desde sua popularização, no entanto, os telefones móveis continuam em atividade durante as aulas, trazendo à tona uma nova polêmica sobre um assunto bem conhecido entre pais e educadores. A exemplo do que ocorre em São Paulo e no Rio Grande do Sul, tramita na Assembleia Legislativa de Santa Catarina um projeto de lei que proíba o uso do aparelho nas escolas públicas e privadas do Estado.

A idéia pretende evitar que o aluno transfira a atenção do quadro para o telefone, como ocorre na classe de Thaíse Martins da Silva, 15 anos (1ª foto da esquerda). Ela está no primeiro ano do ensino médio do colégio Getúlio Vargas, na Capital, e conta que já ligou para a mãe em plena aula. Como justificativa, usa o esquecimento da chave de casa e a conseqüente preocupação de ficar na rua. – Atender o celular, não atendo – ameaça a estudante, que ganhou o primeiro

aparelho aos 10 anos.

A colega Andréia Paula da Costa, 15 anos, admite que já saiu de sala para atender ao telefone. O motivo também vinha de casa. A aluna conta que era a mãe querendo saber se estava melhor de um mal-estar que sentiu antes de sair. Andréia pediu licença ao professor e se retirou. – É isso que a gente orienta em caso de emergência. O problema é que virou rotina – comenta a coordenadora do ensino médio no colégio, Maria Guilhermina Acioli.

Lá, a direção pede aos alunos que não levem o aparelho, por não fazer parte do material didático, e utilizem o da escola, caso precisem. Como o pedido é em vão, os educadores devem permitir o uso fora de classe, mas acabam tendo que competir com o telefone dentro dela. Professora de História no Colégio Getúlio Vargas, Marlene

O projeto

O projeto catarinense tramitará na(s) seguinte(s) comissão(es):

- 1º Comissão de Constituição e Justiça
- 2º Comissão de Educação, Cultura e Desporto
- 3º Comissão de Trabalho, de Administração e de Serviços Públicos

Nunes se incomoda diariamente com o uso do celular em sala. Ela já flagrou alunos telefonando, atendendo, lendo e enviando torpedos durante a explicação. Sem contar com o toque dos aparelhos esquecidos em volume máximo, que, segundo ela, desconcentra a turma toda. Para evitar tal constrangimento, alguns alunos do Colégio Bom Jesus, na Capital, chegaram a baixar da Internet um toque de

celular incapaz de ser ouvido por quem tem mais de 25 anos. Ou seja, o telefone toca e o professor nem desconfia.

Apesar dos truques, a professora de Literatura do colégio, Sônia Maria Ferreira Rivello, incomoda-se com frequência com a utilização do aparelho. Antes de punir o dono levando o celular para a direção, no entanto, ela tenta impedir o uso com outro método: lendo uma mensagem do telefone. – Fazê-los “pagar mico” é uma boa solução para impedir o uso contínuo do celular – sugere em tom de brincadeira.

Pais dizem tentar disciplinar os filhos

A professora ainda chama atenção para o fato de alguns pais ligarem – por esquecimento ou descuido – em horário de aula para o celular dos filhos. Sônia reconhece a importância do telefone móvel pela segurança que confere aos adolescentes e pela tranquilidade aos pais. Segundo ela, basta disciplina na utilização do que compara a um GPS (neste caso, para localizar o dono).

Mãe da estudante Marina Fernandes, 16 anos, do segundo ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação, Célia Fernandes não se inclui na lista de pais que atrapalham as aulas pelo celular. Aliás, na contramão da análise dos coordenadores das escolas públicas, que dizem que cerca de 80% dos estudantes dos ensinos fundamental e médio possuem um telefone na mochila, Célia só comprou um para Marina no ano passado. – Ligo em casos de extrema necessidade, a oriento para deixar o aparelho desligado em aula e limito os créditos – afirma Célia, para quem o celular é dispensável no colégio. O que a mãe de Ana Bárbara Faria, 16 anos, estudante do Colégio Bom Jesus acharia da filha andar sem o telefone ao sair de casa, ela mesma responde: – Minha mãe surtaria!

Perfil

Antônio Aguiar, deputado estadual, autor do projeto na Assembleia sobre o tema – O celular dispersa o aluno. Sem o aparelho, os estudantes prestarão mais atenção e haverá um aumento de qualidade na educação.

Manoel Ribeiro Pires, coordenador Disciplinar do Colégio Bom Jesus – Não acredito que impedir o porte do celular vai resolver o problema, afinal, eles ficam nas mochilas e não temos como fiscalizá-las. E adolescente gosta de contrariar. Proibir pode ser pior.

Maria Helena de Abreu, professora de Português do Instituto Estadual de Educação – Acredito que a lei será excelente para o bom andamento das aulas, pois é raro um dia que a gente não interrompa uma explicação por causa do celular. Precisamos estar preparados para convencer a sociedade de que será um ganho, já que haverá resistência de pais e alunos.

Andréia Paula da Costa, estudante da primeira série do ensino médio do Colégio Getúlio Vargas – Não sou favorável ao projeto e penso que, independentemente do uso que cada um faz do celular, caso a lei entre em vigor, não será respeitada por todos.

Paulo Bauer, secretário Estadual de Educação – Seria favorável se a restrição fosse apenas dentro de sala e em ambientes de estudo, como as bibliotecas. Fora deles, o aparelho se faz necessário. Por isso, cercar o uso dentro dos colégios não é a melhor alternativa, e sim conscientizar os alunos dos limites.

Célia Fernandes, funcionária pública e mãe de aluna que possui celular – Sou favorável à aprovação do PL por pensar que os pais podem se comunicar ligando para a coordenação e que o aparelho virou um objeto de status e de disputa entre os alunos.

Horácio Mello, mestre em educação – Não há dúvida de que o celular é um problema a mais para o professor por atrapalhar o trabalho e para o aluno por desviar a atenção, mas não sei até que ponto uma lei resolveria o problema. Prefiro apostar na educação familiar para impedir o uso em sala.



Estudantes admitem que já utilizaram o aparelho para "lembrar" dos conteúdos

Colar na prova

Na oitava série do ensino fundamental, um aluno do Colégio Getúlio Vargas, 14 anos na época, fez uma cola no celular e deixou o aparelho no penal. Como isso foi no ano passado, ele diz não lembrar em que aula foi. O que não esquece é que foi pego pelo professor, que tirou o celular durante a prova. Resultado: 6,5 de nota. Confiando na cola, o aluno não estudou e ficou sem celular antes de terminar.

– Foi a primeira e última vez. Até uso o telefone em sala, só que não para colar – jura.

Casos como este são tão comuns que na cadeira ao lado, outra estudante se dispõe a contar episódio semelhante:

– Mandei minhas respostas de uma prova de matemática para uma amiga “CDF” corrigir e devolver.

Para evitar a prática, algumas escolas estão adotando regras semelhantes às de concurso. Em época de prova, os celulares ficam em carteiras em frente ao quadro, junto com o restante do material desnecessário para fazer a avaliação.

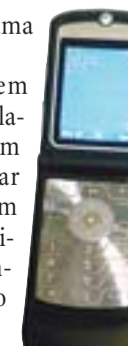


No recreio, Jéssica Laurindo, 15 anos, usa o telefone para matar a saudade

Falar com o namorado

Jéssica Cargnin Laurindo, 15 anos, está no primeiro ano do ensino médio do colégio Instituto Estadual de Educação e conta que leva o celular para a escola com o objetivo principal de matar saudades do namorado. Embora às vezes faça ligações rápidas em sala, “escondida e em voz baixa”, costuma esperar pelo recreio para receber telefonemas. – Ele me liga todos os dias, mal dá

tempo para comer alguma coisa – revela. Deixar o telefone em casa está fora de seus planos. Jéssica concorda com os professores que usar o aparelho em sala é um exagero que pode prejudicar os estudos, mas considera radical a proibição do uso até no pátio.





Estudantes do Celso Ramos, em Florianópolis, têm um espaço previsto para aprender a conservar o meio ambiente

Hora de preservar

Leisly Bonetto, nove anos, só tem aula no período da tarde. Mas de terça a sexta-feira, ela costuma estar no colégio em que estuda, o Celso Ramos, na Capital, pontualmente às 8h30min. Aluna da segunda série, nesses dias em que vai para a escola mais cedo, as atividades já começam no café da manhã.

Após a refeição, é hora de aprender a preservar o meio ambiente ou se dedicar à cultura e ao esporte. A rotina é a mesma para outros 99 estudantes de primeira à quarta série da instituição, que se dividem em dois turnos – sempre diferente ao das aulas – para participarem de um projeto chamado Ambial. Se passar o dia inteiro no colégio pode parecer castigo, para esses alunos é garantia de educação, nutrição, entretenimento e inclusão.

Plantar verduras e legumes, ervas medicinais e flores, dançar, pintar e praticar esportes estão entre as ações prediletas das crianças e

adolescentes incluídos nas tarefas extracurriculares. Leisly elegeu o crochê como atividade favorita. Com a habilidade que permitem suas pequenas mãos, enfeita panos de louça e toalhas. Exigente, só lamenta não ser rápida na arte como a mãe.

– Existem alunos que se interessam por atividades que conheceram em casa, mas há quem aprenda no Ambial e leve o conhecimento para os pais, que muitas vezes aumentam a renda em função deste aprendizado – comenta Ana Cristina Bittencourt, professora de artes do projeto no Celso Ramos.

Apesar das conseqüências benéficas, o programa não se restringe ao assistencialismo. Educação ambiental e alimentar é o foco do Ambial, que está longe de exigir apenas pique dos alunos para que se divirtam enquanto os pais trabalham.

É claro que nas quadras e no jardim, o clima é de euforia. Em sala,

munidos de caderno e lápis, é preciso muita atenção. As aulas do Ambial incluem teoria, exigindo dedicação do aluno, que pode ser surpreendido com avaliações, evidentemente com menos compromisso e mais ludicidade do que as de sala de aula.

Ambial amplia diversão, aprendizagem e convivência

Em todas as escolas da rede estadual, o projeto funciona com os mesmos objetivos, podendo variar na forma como é desenvolvido. No Colégio Cristo Rei, em São José, uma mesma turma do Ambial une alunos que estudam de manhã e à tarde. Isso porque as tarefas do projeto acontecem das 11h às 14h30min, ao invés de ocorrerem no período oposto ao das atividades curriculares, que também são feitas em horários diferenciados dos demais colégios.

Dependendo das séries que o Ambial contempla em cada escola,



Leisly Bonetto (E) vai à escola fora do horário para participar das atividades

FOTOS DANIEL CONZI

Perfil do projeto

Linguagem: Língua estrangeira (inglês, espanhol, alemão, italiano), literatura, informática, poesia, redação.

Esportes: Esportes coletivos; ginástica, jogos de mesa e atletismo.

Arte e Cultura: Música clássica e popular, dança de todos os gêneros, teatro, fanfarras.

Iniciação à Pesquisa Científica:

O Método Científico – como se desenvolve uma pesquisa científica; qual é objeto de pesquisa realizada; como elaborar um projeto de pesquisa; como desenvolver projetos tendo como objeto as comunidades locais, aspectos históricos, geográficos, questões ambientais, Ciências da Natureza; Matemática e outras disciplinas curriculares.

alguns irmãos têm oportunidade de participarem juntos, já que as turmas são multisseriadas. É o caso de Priscila Maestri, 14 anos, que está no programa do Cristo Rei desde 2005. Neste ano, ela incentivou as irmãs mais novas Camila e Eduarda a entrarem no projeto.

– Entrei por incentivo de umas amigas e gostei, principalmente, de fazer a programação da rádio-escola, pelas músicas, e de elaborar

o jornal-escola, pelo contato com a internet – conta Priscila.

Camila e Eduarda, como a maioria na escola, preferem cuidar da horta. Outra unanimidade no colégio que ensina inclusive a captar água da chuva para reaproveitá-la é a oportunidade de fazer os deveres de casa com auxílio de um professor, tornando os exercícios passados em sala bem mais compreensíveis e menos maçante.

O melhor lugar do mundo

Na Escola Básica Lindo Sardagna, em Dona Emma, os alunos de 6ª à 8ª série realizaram trabalhos com base na sustentabilidade do planeta. A professora Ivone Katzer aplicou o tema "O melhor lugar do mundo", a partir da leitura do livro *Propostas de sustentabilidade para o Planeta – A vida que a gente quer depende do que a gente faz*, do Instituto Ecofuturo.

Conforme a professora, a sociedade de hoje é resultado de tudo o que fizemos no passado. E ressalta que a sociedade de amanhã já começou a existir. Salientou para os alunos que pesquisas comprovam que o planeta está sob forte e inédito estresse causado pela ação do homem, o que coloca em risco a nossa existência. Confira alguns trabalhos.



VALORIZE O MEIO AMBIENTE PRESERVANDO SUAS BELAS CORES.

Maiara Camila Dimas Fernandes, 11 anos, Jefferson João Pfiffer, 12 anos e João Ricardo Felício Hermann, 12 anos



Vanessa Nataly Marcílio, 12 anos



Alini Aparecida Meneghelli, 12 anos, Jaciara Nitz, 12 anos e Mairon Klitzke, 12 anos



Viviane Gutz



Andreicy Kelli Maier, 12 anos



Ana Carla Fillagrana, 11 anos, Maicon da Silva, 11 anos e Luís Carlos Wippel, 12 anos